O conhecimento na perspectiva de uma Educação plena

Mozart Neves Ramos

Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção (Paulo Freire)

Um estudo sobre o futuro do trabalho da consultoria global McKinsey & Company revela que 6 em cada 10 trabalhos podem ter mais de 30% de suas atividades automatizadas. No cenário mais modesto, isso poderá impactar, até 2030, a atividade laboral de 400 milhões de pessoas em todo o mundo. No Brasil, a estimativa é que o efeito da automação atinja cerca de 16 milhões de brasileiros, especialmente os jovens que não tiveram acesso a uma Educação de qualidade.

Esse novo cenário vai exigir um aumento de *qualidades humanas*, como a criatividade, o trabalho em equipe, a persistência, a abertura ao novo, a comunicação e o pensamento crítico, entre outras. Por isso, a oferta de uma *Educação com significado*, que seja capaz de *desenvolver o potencial pleno das pessoas*, torna-se condição imperativa para o acesso aos postos de trabalho atuais e futuros.

Isso requer uma Educação que vá além do desenvolvimento de competências cognitivas, mas que seja capaz de introduzir, de forma articulada com estas, as chamadas competências socioemocionais, na perspectiva do desenvolvimento pleno de nossos educandos, em conformidade com o Artigo 2º da LDB (A Educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.). Quando essa articulação ocorre no contexto do currículo escolar, e de forma intencional, é o que chamamos de Educação integral.

Vários estudos mostram que estudantes mais responsáveis, colaborativos, persistentes, curiosos e resilientes aprendem mais, concluem seus estudos básicos na idade certa e saem da escola preparados para seguir aprendendo ao longo da vida; na idade adulta, tornam-se cidadãos mais conscientes e participativos, trabalhadores mais éticos,

produtivos e realizados, enfim, seres humanos mais aptos a fazerem boas escolhas e usufruírem delas.

Espera-se assim que as escolas preparem as nossas crianças e os nossos jovens para uma Educação que seja capaz de desenvolver tais habilidades no ambiente escolar; que não seja mais uma disciplina, mas uma nova forma de ensinar e de aprender – o que significa, por outro lado, a necessidade de dar um novo significado à formação do professor.

Para trazer as nossas escolas, professores e estudantes para este novo ambiente, um passo importante foi dado com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a partir de suas dez competências gerais que asseguram, entre outras coisas, alguns dos princípios que são fundamentais para o desenvolvimento integral, tais como, *autonomia* (o objetivo maior da Educação integral é a formação para a autonomia, entendida como o *empoderamento* dos estudantes para fazer escolhas fundamentadas em seus projetos de vida), *protagonismo* (promover o protagonismo docente e estudantil é decisivo para que se vejam e sejam vistos como parte da solução e não do problema) e *corresponsabilidade* (o direito à Educação deve ser assegurado com o envolvimento de todos pela Educação, numa ética de corresponsabilidade entre o primeiro, o segundo e o terceiro setores, além de famílias e cidadãos mobilizados de forma coletiva e solidária, em consonância com o Artigo 205 da Constituição Federal).

Levar essa perspectiva ao dia a dia das escolas e redes de ensino de forma estruturada e intencional requer inovações não só na estrutura curricular e nas políticas educacionais, mas também na formação de professores e nas práticas pedagógicas a serem empregadas em sala de aula. Para isso, é importante reunir os conhecimentos que já vêm sendo produzidos, tanto pelos próprios professores no cotidiano das escolas, quanto pelos pesquisadores e especialistas das diversas áreas das ciências – Educação, psicologia, economia, neurociências e muitas outras, que podem auxiliar a encontrar as práticas mais eficientes para atingir tais objetivos. Consequentemente, assegurar aos nossos alunos um aprendizado pleno que os habilitem a realizar escolhas com autonomia e conquistar realizações ao longo da vida, passa necessariamente em assegurar aos nossos professores o direito ao conhecimento.

O conhecimento, em relação ao qual estamos nos referindo, é aquele que é capaz de "empurrar a fronteira da Educação", um conhecimento baseado em evidências práticas e científicas, que promova no professor a capacidade de desenvolver plenamente o potencial de seus estudantes. O educador dos dias atuais e futuros deve despertar nos seus alunos o gosto em adquirir o conhecimento, o que implica na valorização da pesquisa no seu cotidiano escolar, no processo ensino-aprendizagem, ou seja, na perspectiva de uma pesquisa - ação baseada em caráter participativo, impulso democrático e contribuição à mudança social.

Mozart Neves Ramos é diretor do Instituto Ayrton Senna e membro do Conselho Nacional de Educação. Foi reitor da Universidade Federal de Pernambuco e secretário de Educação de Pernambuco.

PASSOS ESSENCIAIS PARA UMA EDUCAÇÃO PROTAGONÍSTICA ou NOVAS MANEIRAS DE ENSINAR, NOVAS FORMAS DE APRENDER

CELSO ANTUNES

1. PREÂMBULO

Há cerca de quarenta anos, as nações do mundo afirmaram, quando da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que "toda pessoa tem direito à educação". No entanto, apesar dos esforços realizados por países do mundo inteiro para assegurar esse direito, para uma verdadeira educação para todos persistem ainda problemas que parecem resistir ao tempo. Entre estes, cabe destacar:

• Cerca de 100 milhões de crianças, das quais pelo menos 60 milhões são meninas, não têm acesso ao ensino primário.

• Aproximadamente 960 milhões de adultos - dois terços dos quais mulheres - são analfabetos, e o analfabetismo funcional constitui um problema significativo em todos os países, tanto os mais industrializados como os em desenvolvimento.

• Mais de um terço dos adultos de todo o mundo não tem acesso ao conhecimento impresso e às novas habilidades e tecnologias, que poderiam melhorar a qualidade de vida e ajudá-los a perceber e a adaptar-se às mudanças sociais e culturais.

• Mais de 100 milhões de crianças e adultos não conseguem concluir o ciclo básico, e outros milhões, apesar de concluí-lo, não adquirem conhecimentos e habilidades essenciais.

Ao mesmo tempo, o mundo tem que enfrentar um quadro ameaçador de problemas, entre os quais:

• O aumento da dívida externa em muitos países, a estagnação e a decadência econômicas, o rápido aumento da população, as diferenças econômicas crescentes entre as nações e inúmeras dentre elas com os temíveis problemas de guerras, a ocupação, as lutas civis, e formas inúmeras de violências e ainda a morte de milhões de crianças, que poderia ser evitada e a degradação generalizada do meio-ambiente.

• Esses problemas dificultam os esforços envidados no sentido de satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, enquanto a falta de educação básica para significativas parcelas da população impede que a sociedade enfrente esses problemas com vigor e determinação.

• Observou-se, portanto, que, durante a década de 80, esses problemas dificultaram os avanços da educação básica em muitos países menos desenvolvidos. Em outros, o crescimento econômico permitiu financiar a expansão da educação, mas, mesmo assim, milhões de seres humanos continuam na pobreza, privados de escolaridade ou analfabetos. E em alguns países industrializados, cortes nos gastos públicos ao longo dos anos 80 contribuíram para a deterioração da educação. Não obstante, o mundo está às vésperas de um novo século, carregado de esperanças e de possibilidades.

• Hoje, testemunhamos um autêntico progresso rumo à distensão pacífica e de uma maior cooperação entre as nações. Atualmente os direitos essenciais e as potencialidades das mulheres são levados em conta. Hoje, vemos emergir, a todo momento, muitas e valiosas realizações científicas e culturais. Além disso, o volume das informações disponível no mundo - grande parte importante para a sobrevivência e bem-estar das

pessoas - é extremamente mais amplo do que há alguns anos, e continua crescendo num ritmo acelerado. Estes conhecimentos incluem informações sobre como melhorar a qualidade de vida ou como aprender a aprender.

• Um efeito multiplicador ocorre quando informações importantes estão vinculadas com outro grande avanço: nossa nova capacidade em comunicar. Essas novas forças, combinadas com a experiência acumulada de reformas, inovações, pesquisas, e com o notável progresso em educação registrado em muitos países, fazem com que a meta de educação básica para todos - pela primeira vez na história - seja uma meta viável.

2. UMA EDUCAÇÃO PARA TODOS

Sabendo-se que a educação, embora não seja condição suficiente, é de importância para o progresso pessoal e social, e reconhecendo que o conhecimento tradicional e o patrimônio cultural têm utilidades e valores próprios, assim como a capacidade de definir e promover o desenvolvimento;

Admitindo que, em termos gerais, a educação que hoje é ministrada apresenta graves deficiências, que se faz necessário torná-la mais relevante e melhorar sua qualidade, e que ela deve estar universalmente disponível. Destacando que uma educação básica adequada é fundamental para fortalecer os níveis superiores de educação e de ensino, a formação científica e tecnológica e, por conseguinte, para alcançar um desenvolvimento autônomo e, finalmente, reconhecendo a necessidade de proporcionar às gerações presentes e futuras uma visão abrangente de educação básica e um renovado compromisso a favor dela, para enfrentar a amplitude e a complexidade do desafio, proclamou-se a **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**, visando a criação de uma escola efetivamente protagonista que nos tópicos seguintes se buscará detalhar.

Cada pessoa - criança, jovem ou adulto - deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem. Essas necessidades compreendem tanto os instrumentos essenciais para a aprendizagem (como a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas), quanto os conteúdos básicos da aprendizagem (como conhecimentos, habilidades, valores e atitudes), necessários para que os seres humanos possam sobreviver, desenvolver plenamente suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de vida, tomar decisões fundamentadas e continuar aprendendo. A amplitude das necessidades básicas de aprendizagem e a maneira de as satisfazer variam segundo cada país e cada cultura, e, inevitavelmente, mudam com o decorrer do tempo.

A satisfação dessas necessidades confere aos membros de uma sociedade a possibilidade e, ao mesmo tempo, a responsabilidade de respeitar e desenvolver a sua herança cultural, linguística e espiritual, de promover a educação de outros, de defender a causa da justiça social, de proteger o meio-ambiente e de ser tolerante com os sistemas sociais, políticos e religiosos que difiram dos seus, assegurando respeito aos valores humanistas e aos direitos humanos comumente aceitos, bem como de trabalhar pela paz e pela solidariedade internacionais em um mundo interdependente.

• Um segundo objetivo, não menos fundamental, dos sistemas de educação é o enriquecimento dos valores culturais e morais comuns. São nesses valores que os indivíduos e a sociedade encontram sua identidade e sua dignidade. A educação básica é mais do que uma finalidade em si mesma. Ela é a base para a aprendizagem e o

desenvolvimento humano permanentes, sobre a qual os países podem construir, sistematicamente, níveis e tipos mais adiantados de educação e capacitação. Mas... o alcance desses objetivos pressupõe educadores e alunos efetivamente protagonistas, isto é, elementos prioritários para qualquer ideia de mudança e de progresso.

3. QUAL O EFETIVO SIGNIFICADO DE PROTAGONISMO?

Protagonismo ou a pessoa protagonista é sempre um promotor. A principal figura ou personagem em qualquer obra literária ou artística. Educador protagonista é todo aquele que cumpre fielmente a integralidade dos objetivos educacionais e um aluno protagonista é sempre elemento participante integral em seu processo de aprendizagem e, portanto, sua transformação e crescimento.

4. AS PREMISSAS PARA SE EDIFICAR OS PILARES DE UMA ESCOLA PARA O AGORA E PARA O AMANHÃ

Uma educação protagonista, no lar, na escola e em toda parte em que ocorra é toda aquela que garante um aprendizado e uma vivência das questões do mundo em que se vive e onde se aprende conviver. Assim, a educação protagonista fortalece o autoconceito positivo, desenvolve potencialidades e talentos, permite crescimento na formação de vínculos saudáveis, busca sempre construir um entorno menos desigual e menos violento e, portanto, fortalece o aprender a aprender, aprender a se relacionar para efetivamente "ser" mais.

As premissas essenciais

- **A AULA E SUAS MÚLTIPLAS FUNÇÕES**

Um simples exame de dicionário escolar brasileiro nos traz uma informação curiosa e sugestiva sobre o que seria uma "aula". Dessa maneira, esse substantivo serve tanto para caracterizar uma "sala", portanto um espaço físico onde os alunos aprendem, e se aplica também para a ideia de "lição", isto é, matéria ou trabalho escolar passado por um professor.

A nosso ver, essa conceituação se choca com a maneira como o professor a trabalha em seu dia a dia.

Se "aula" é apenas um espaço físico, uma pesquisa escolar em um zoológico ou jardim botânico, por exemplo, não poderia ser chamada de aula, como igualmente não poderia alunos em ação, buscando respostas e entrevistando pessoas ainda que em tarefa passada pelo professor. A tradicional "aula de Educação Física" ministrada em uma quadra igualmente não seria aula, no sentido em que o dicionário a descreve. Se nos prendermos a ideia de "lição", associar o conceito de aula a "trabalho para casa" nos remete a origem latina dessa palavra e descobre-se que significa "tortura", pois deriva de *tripalliun*, instrumento usado para ocasionar sofrimento em escravos, fazendo-o produzir.

Abandona-se dessa forma o dicionário e busca-se o sentido da palavra em um dicionário etimológico. Longe de melhorar, as coisas ainda pioram. Assim, na origem da palavra "aula" se identifica "corte", “palácio” ou ainda “gaiola, curral”. Se for “corte” ou “palácio”, a aula é apenas atribuída a príncipes e nobres e, dessa forma, não está ocorrendo nas escolas públicas, se preferirmos “gaiola” ou “curral”, pensamos em alunos prisioneiros ou, pior ainda, tais quais porcos ou outros animais de corte à espera do sacrifício.

Assim, o bom senso indica que é necessário fugir de raízes etimológicas e buscar esse conceito em um sentido desejável. Preferimos pensar que o sentido de aula que este livro trabalha a caracteriza como "uma situação de aprendizagem, desenvolvida em espaços diferentes e na qual se fazem presentes um ou mais professores que, dominando conteúdos conceituais diversos e fazendo uso de recursos eletrônicos, ajudam seus alunos a aprender? ".

Tomando, assim, por base o conceito sugerido pelo autor, conclui-se que:

a. Não existe única maneira de se ministrar aulas.
b. A aula pode ou não ocorrer em salas específicas destinadas a esse fim.
c. Não existe qualquer justificativa para não incorporar as mídias eletrônicas à sala de aula, quer por sua riqueza e diversidade, quer pela rápida incorporação do aluna a esses recursos e sua manipulação orientada por educadores.
d. Ministrar aula é ato profissional e, como tal, apenas professores podem exercê-lo, tal como apenas médicos podem praticar a medicina.

As conclusões a que se chega com a análise do conceito de aula requerem uma visão crítica mais abrangente e, portanto: **A aula expositiva é uma maneira de se ministrar aula, mas não é e não pode ser a única maneira**.

Se um profissional não concebe situações de aprendizagens diferentes para se respeitar diferentes estilos de linguagens em seus alunos e se as aulas que ministra não fazem do aluno o centro do processo de aprendizagem, o que a eles se está impingindo com o nome de aula não é aula verdadeira.

Portanto, um verdadeiro mestre usa a sala de aula, mas sabe que seus alunos aprendem dentro e fora da mesma e, dessa forma, quando a esse espaço se confina, transforma o mesmo em um ambiente estimulador de desafios, interrogações, proposições e ideias que seus alunos em outros espaços buscarão.

Todo professor é profissional e, como competência jamais se improvisa, não se concebe que verdadeiras aulas sejam transmitidas por trabalhadores de outras profissões. Estes podem passar informações, jamais provocar a verdadeira aprendizagem.

Acreditamos que, absolutamente, não é difícil perceber a imensa diferença entre passar informações – atividade que pode ser utilizada por um professor, ainda que seu trabalho a isso não se restrinja, mas que também pode ser assumida pelo aluno e seus pais com recursos como a Wikipédia, Google e muitos outros – e transformar a informação em conhecimento, fazendo com que o aluno verdadeiramente aprenda. Essa ideia justifica este livro, que mostra muitas maneiras diferentes de se ministrar uma aula, mas qualquer uma delas, colocando o aluno como elemento central em seu processo de aprendizagem. O professor não ensina, estimula e desafia fazendo seu aluno aprender.

5. UMA EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA - PASSOS ESSENCIAIS PARA UMA EDUCAÇÃO PROTAGONÍSTICA (PROTAGONISTA = PERSONAGEM PRINCIPAL)

As linhas que estruturam as Situações de Aprendizagem que neste texto se apresentam, estão inspiradas em fundamentos pedagógicos extraídos das obras de Jean Piaget, Lev Vygotsky, John Dewey, Maria Montessori, Célestin Freinet, Anísio Teixeira e Paulo Freire e foram adaptadas à realidade atual das escolas do país pelo educador Celso Antunes. Essas Situações de Aprendizagem constituem paradigmas de trabalhos docentes em inúmeras escolas brasileiras.

COMO MINISTRAR CONTEÚDOS COM UM JOGO DE PALAVRAS

Existe a possibilidade de se ministrar um tema de História ou Geografia, Matemática ou Ciências, Língua Portuguesa ou Inglesa sem ficar diante da classe expondo e, dessa forma, impondo a monotonia e o cansaço.

Pode esse tema, posteriormente avaliado, garantir igual ou maior compreensão e lucidez por parte dos alunos, que se ministrado por meio de aula expositiva? É possível na regência dessa aula, conquistar a certeza de que sua apresentação não suscitará indisciplina, desinteresse e apatia? Pode esse tema garantir ao professor menos dispêndio de energia que o imposto por aula tradicional?

A resposta a essas perguntas é afirmativa e, ainda de quebra, a elas outras conquistas positivas se agregarão. Será possível com esse trabalho alcançar não apenas as disciplinas acima relacionadas como outra qualquer. Esse trabalho poderá, devidamente adaptado, ser executado em qualquer série ou nível de escolaridade e, bem mais que apenas uma compreensão literal do que se expõe, será possível trabalhar-se simultaneamente o texto e contexto, desenvolvendo do raciocínio lógico e levando os alunos a uma aprendizagem significativa e exploração de habilidades operatórias mais amplas que as provocadas por simples explanação.

No desempenho desse trabalho, o professor poderá se aproximar dos sonhos de Piaget, ao levar o aluno não a conquistar um conhecimento interiorizando-o de fora para dentro, *mas construindo-o interiormente em um processo de assimilação, tornando o apreendido compatível com as estruturas mentais do estudante e, dessa forma, específico para cada um*. E tudo isso apenas com a coragem em se substituir uma tradicional exposição por um envolvente e motivador **Jogo de palavras**. Mas, como fazê-lo?

Em primeiro lugar, garantindo que os alunos tenham "alguma ideia" sobre o tema, conquistada por meio de uma leitura ou de outro processo de informação.

Em segundo lugar, organizando os alunos em duplas, trios ou quartetos e, dessa forma, fazendo-os falar sobre seus conhecimentos ou suas dúvidas, estimular as estruturas mentais do pensar e, por fim, *organizando, com critério e acuidade, uma, duas ou três sentenças sobre o assunto escolhido*.

Após a seleção dessas questões, extremamente pertinentes e significativas em relação à essência e objetivos do texto, fragmentá-las *separando cada uma das palavras e escrevendo cada uma delas em um pequeno quadrado de papel*. Mais fácil é antes de tudo, quadricular uma folha, escrever as palavras em cada um dos quadrados e somente depois cortá-la. Esse emaranhado de palavras, amontoadas ao acaso e unidas fora de ordem, compõe o recurso material do **Jogo de palavras**.

Com as cópias desse material, as duplas, trios ou quartetos já dispostos na classe, basta entregá-las aos alunos destacando que sua tarefa, à imagem de quem monta quebra-cabeças, será tentar ordenar as frases, emprestando-lhe sentido lógico, sem, entretanto, mudar o gênero, número e grau das palavras recebidas. Algo, por exemplo, similar ao afirmar "É construção uma coisa não que de, mas fora processo o interativo de um conhecimento vem interior", que ordenado expressaria "O conhecimento não é uma coisa que vem de fora, mas um processo interativo de construção interior".

Ao se envolverem no desafio que essa atividade abriga, os alunos encontrariam motivação por ver substituída sua postura passiva de ouvinte por ação solidária de jogador; motivados, não se

desviariam da tarefa e, portanto, estariam interessados e disciplinados; o professor acaba economizando energia, pois estaria substituindo o tradicional discurso, por ajuda interativa e, essa aula, levaria o aluno a falar, trocar ideias, buscar esquemas de solução e por essas vias pensar, usando habilidades que envolveriam análise e síntese, comparação e classificação, dedução e contextualização. Ao invés de se colocarem de forma passiva diante de um texto, estariam exercitando esquemas de assimilação em atividade ativa pura diante do objeto da aprendizagem, simbolizado pelo texto fragmentado, ao qual buscariam uma estrutura lógica.
Nessa atividade o professor transformou texto em contexto, colocou em ação mecanismos de uso dos hemisférios cerebrais direito e esquerdo e, levando a seus alunos um jogo desafiador e atraente. Por meio dele, ensinou que o novo conhecimento não se sobrepõe aos conhecimentos anteriores, mas a eles se compõe modificando-o.

COMO MINISTRAR CONTEÚDOS COM O AUTÓDROMO?

O **Autódromo** é um jogo operatório dos mais interessantes, mas deve ser aplicado uma vez ou outra, alternando-o com outros jogos operatórios e aulas expositivas diversas. Embora cause motivação, interesse, envolvimento e participação dos alunos, a frequência de uso constante acaba desgastando-o.
Para essa interessante atividade, *os alunos precisam se agrupar em equipes* e cada uma delas deve ter um mínimo de quatro e um máximo de sete componentes. Cada equipe escolhe seu próprio nome. Em seguida, o professor explica o(s) tema(s) ou conteúdo(s) que serão cobrados durante o **Autódromo**.
Com a classe dividida em equipes, o professor organiza uma listagem de questões sobre o assunto trabalhado. Essas questões devem estar agrupadas duas a duas, como no exemplo abaixo, e, como cada questão pode ser verdadeira (V) ou falsa (F), as duas juntas permitem quatro respostas possíveis:

VV – As duas questões são verdadeiras
VF – A primeira questão é verdadeira e a segunda falsa
FF – As duas questões são falsas
FV – A primeira questão é falsa e a segunda verdadeira.

Exemplo: Questão 1 – A soma de quatro mais sete é onze / Extraindo-se seis de onze o resultado é quatro.

Como é fácil perceber, a resposta correta a essa questão é *VF*, pois a primeira (4 + 7 = 11) é verdadeira, mas a segunda é falsa (11 – 6 = 5 e não 4 como afirmado).
Com dez a quinze questões duplas como demonstrado no exemplo, e naturalmente dentro do assunto marcado para a atividade, o professor possui o material necessário para o **Autódromo**. Em seguida, solicita que cada grupo prepare em meia folha de papel, com canetas coloridas, quatro papeletas diferentes, em que aparecem as letras graúdas com as alternativas possíveis de respostas (VV – VF – FF – FV).

Com a lousa organizada para o **Autódromo**, os nomes das equipes escritos um abaixo do outro na vertical, e em cima, na horizontal, a sucessão de pontos que o desempenho das equipes poderá alcançar. A lousa, portanto, ficaria assim:

Equipes	100	200	300	400	500	600	700	800	900	1000
VERDE										
AMARELA										
AZUL										
VERMELHA										
BRANCA										
LARANJA										
ROXO										

Com a “pista” do **Autódromo** desenhada na lousa, cada grupo com suas quatro papeletas e o professor com a relação das questões, estão prontos os recursos essenciais à aplicação do jogo. Antes de iniciá-lo, entretanto, o professor passará em cada equipe começando pela que mais alunos tiver e atribuirá aleatoriamente a cada um deles uma letra do alfabeto. Assim, um aluno será o “A” ou outro “B” e assim por diante. Procederá da mesma forma nas demais equipes e caso uma delas tenha menos alunos um deles ficará com duas letras. Por exemplo: A equipe Verde possui seis alunos e dessa forma um aluno será o “A”, o outro o “B” até o último que será o “F”. Dirigindo-se à equipe Amarela, e percebendo que nela existem apenas quatro alunos, um deles será o “A” e “F”, o outro “B” e “E”, o terceiro “C” e o quarto “D”. Agindo dessa forma cada equipe contará com representantes para todas as letras atribuídas.

É, então, hora de começar o **Autódromo**.

O professor lê a primeira questão dupla, concede às equipes um espaço de tempo de dez a quinze segundos para optarem por uma das quatro respostas possíveis e após esse tempo, dá um sinal avisando que o prazo terminou. Chama a seguir uma letra, por exemplo, a letra “C”, e os alunos de todas as equipes que tiverem essa letra deverão ficar imediatamente em pé, com uma das quatro papeletas escolhidas voltadas contra o peito.

A seguir, o professor chama cada uma das equipes e o aluno exibe a papeleta com a qual acredita ser a resposta correta. O professor anota essa resposta na lousa, sem anunciá-la como “certa” ou como “errada” e após a manifestação do último grupo, anuncia a resposta correta. Em seguida, marca no espaço da lousa os grupos que acertaram e passam a fazer jus a cem pontos. Vamos supor que apenas as equipes Amarela e Branca acertaram. A lousa ficará assim:

Equipes	100	200	300	400	500	600	700	800	900	1000
VERDE										
AMARELA	X									
AZUL										
VERMELHA										
BRANCA	X									
LARANJA										
ROXO										

Registrado o desempenho das equipes, faz-se a segunda questão e assim sucessivamente até o final da aula.

O sucesso do **Autódromo** depende sempre da qualidade das questões organizadas. Uma relação de questões apenas memorativa em nada contribui para a aprendizagem dos alunos, mas o professor que prepara questões intrigantes e desafiadoras, obterá empenho, interesse e, sobretudo, aprendizagem.

COMO MINISTRAR CONTEÚDOS COM O JOGO DO TELEFONE

O **Jogo do telefone** é outro jogo operatório dos mais interessantes e que possui a propriedade de despertar envolvimento, interesse, criatividade e plena participação dos alunos. Tal como o **Jogo de palavras** ou o **Autódromo** deve ser desenvolvido uma vez ou outra, evitando o desgaste inevitável de uma repetitividade constante. A atividade, tal como os jogos operatórios anteriores, necessita que os alunos estejam organizados em diferentes equipes.

Para a realização dessa atividade é necessário que o professor *prepare um diálogo telefônico imaginário entre duas pessoas*, abordando o assunto escolhido para a atividade. Veja o exemplo.

Ricardo: Oi, Juliana. Você poderia dizer o que vai cair na prova de História amanhã?
Juliana: Pois não, Ricardo. A professora vai organizar questões sobre os primeiros cinquenta anos da História do Brasil. Portanto você deve estudar desde as Grandes Navegações dos Séculos XV e XVI, passar pelo Descobrimento do Brasil e a organização das Capitanias Hereditárias...
Ricardo: Puxa! É bastante matéria e creio que estou um pouco perdido em relação às Grandes Navegações. O que esse tema, que não aconteceu no Brasil, tem a ver com as Capitanias Hereditárias?

Como destaca o exemplo acima, o diálogo prossegue com cada um dos personagens apresentando uma frase até encerrar-se a “conversa”.

Com o diálogo telefônico bem organizado, basta preparar uma cópia para cada equipe, tomando, entretanto, o cuidado de apresentar a fala de apenas um dos personagens (Juliana ou Ricardo) cabendo aos alunos, organizados em grupos, construírem a fala do outro personagem, baseando-se nos elementos que dispõe.

A tarefa dos grupos não é a de adivinhar o texto originalmente preparado pelo professor, mas tomando-se por base as colocações de um dos personagens *criar uma estrutura de sequência do diálogo.* É evidente que a resposta de um grupo jamais será idêntica à de outro, mas pode revelar qualidade se no trabalho existir *coerência e envolvimento lógico.*

O **Jogo do telefone** exige de cada equipe pleno domínio do conteúdo marcado para a atividade e extrema criatividade e, em seguida, depois de uma ou duas rodadas, o professor poderá, progressivamente, apresentar outros diálogos com dificuldades crescentes, exigindo assim estudo, empenho, criatividade. Com o tempo, personagens históricos ou não humanos podem compor a dupla do diálogo e, dessa forma, criar-se *diálogos telefônicos imaginários* entre, por exemplo, Cabral e Pero Vaz de Caminha, entre uma Monocotiledônea e uma Dicotiledônea, entre uma Rocha Sedimentar e uma Rocha Metamórfica e inúmeros outros.

COMO TRANSFORMAR PONTOS GANHOS PELAS EQUIPES EM NOTAS?

A primeira e mais importante questão que se refere ao título deste item é, sem dúvida, *por que transformar pontos ganhos pelas equipes em notas?*
Não existe a possibilidade de uma resposta única.

Essa questão constitui decisão específica do professor. Caso pretenda desenvolver jogos operatórios sem lhes atribuir valor que se transformem em notas, *está agindo de forma tão correta quanto outro colega que opte por fazer dos jogos operatórios uma forma de se obter notas mais elevadas.* A avaliação da aprendizagem escolar não pode se implantar por normas rígidas, uma vez que deverá ser sempre meio para se aferir a efetiva aprendizagem. A nota vale apenas como uma referência para que o aluno saiba seu desempenho, jamais um critério para selecionar bons ou maus alunos.

O verdadeiro compromisso do professor é com a *aprendizagem significativa* e a nota que atribui é apenas um elemento que expressa essa aprendizagem. Portanto, a transformação de pontos ganhos pelas equipes em notas, *constitui decisão do professor* que poderá dispensá-la se acredita que os alunos estão aprendendo o que ensina de forma significativa.

Caso, entretanto, julgue que o desempenho dos alunos nos jogos operatórios desenvolvidos resultou de um esforço construtivo e deseje expressar a diferença entre os que mais e os que menos se esforçaram, apresentamos uma proposta de transformação de pontos em notas que poderá ou não ser adotada pelo professor. Alguns, por exemplo, combinam com a classe que o primeiro lugar em seu desempenho nos diferentes jogos pode valer um ou dois pontos na avaliação final e, dessa forma, atribui pontos sem, entretanto, estabelecer uma relação direta entre cada atividade e o desempenho revelado. Também está agindo de maneira correta quem assim procede.

Outra forma de avaliação consiste em se somar os pontos obtidos pelos grupos nos diferentes jogos propostos, tal como o de equipes que disputam um campeonato, chegando a uma classificação. Por exemplo: Durante um bimestre, o professor trabalhou com a classe ministrando aulas expositivas diversas e ainda aplicou, por exemplo, um **Arquipélago**, um **Autódromo** e um **Cochicho**. Totalizou os pontos e o resultado final do bimestre foi:

Equipes	Arquipélago	Autódromo	Cochicho	Total
Verde	**500**	**400**	**500**	**1.400**
Amarela	**600**	**500**	**600**	**1.700**
Azul	**300**	**400**	**400**	**1.100**
Vermelha	**400**	**500**	**300**	**1.200**
Laranja	**600**	**300**	**600**	**1.500**
Branca	**600**	**600**	**600**	**1.800**

No exemplo destacado acima, a equipe que mais pontos somou no bimestre foi a equipe Branca, com 1.800 pontos, e, nessa circunstância merece receber a nota mais alta (que pode ser 10). Considerando que 1.800 pontos equivalem a 10, uma regra de três simples nos revela que *cada 180 pontos conquistado por qualquer equipe deve equivaler a 1*. (Um).

Portanto:

Verde **1.400 = 7,7 (pois, 1.400: 180 = 7,7).**
Amarela **1.700 = 9,4**
Azul **1.100 = 6,1**
Vermelha **1.200 = 6,6**
Laranja **1.500 = 8,3**
Branca **1.800 = 10,0**

Com esse exemplo, cada aluno de cada equipe, se tivesse participado de todos os jogos operatórios, teriam direito à nota recebida pela equipe. Fica a critério de o professor descontar *ou não do aluno*

que não tenha participado de um ou de outro jogo, os pontos auferidos pela equipe durante sua aplicação. Por exemplo: A equipe Laranja conquistou 600 pontos no **Cochicho** e caso um de seus integrantes tenha faltado sem justificativa quando da sua aplicação, perderia 3,3 pontos (pois 600: 180 = 3,3) e, dessa forma, recebendo 5 por sua atuação em jogos operatórios e não 8,3 pontos, como os recebidos por seus colegas que participaram de todas as atividades.

Os pontos ganhos pelos alunos nos jogos operatórios *poderiam compor uma de suas notas e esta teria o peso correspondente, atribuído pelo professor.* Seria assim possível o professor atribuir, por exemplo, peso 7 para as provas individuais e peso 3 para a participação dos alunos em jogos operatórios.

Torna-se importante destacar que a ideia proposta por este capítulo serve apenas como uma *sugestão* e que, dessa forma, deverá ser submetida à apreciação, análise do professor envolvido, da coordenação e da direção da escola e, se possível, do conhecimento de toda equipe discente e docente.

6. OS CONTEÚDOS, COMPETÊNCIAS E HABILIDADES OPERATÓRIAS

Qual o significado, no contexto escolar e/ou pedagógico, da palavra "conteúdo" e como definir ou explicar as "competências" diferenciando-a da palavra "habilidades"?

Para professores, seja qual for o nível etário ou escolar de seus alunos, "conteúdos" é a relação de temas, assuntos e abordagens de um programa escolar, conforme a série a que se destina, é o que em suas aulas buscam abordar, explicar, relacionar. Os conteúdos destinados a uma série específica representam, assim, seu "programa", os diários de classe que levam de uma para outra turma expõem um sumário dos temas que se abordou, assim como resultados das diferentes formas de avaliações significativas a aprendizagens que se buscou promover. De forma mais sucinta, os conteúdos conceituais são o registro da matéria desenvolvida e que se cobrará através de múltiplos processos avaliativos.

No que se refere a competências, cabe destacar que não é produto do "instinto" e, dessa forma, não a trazemos programada em nossos genes, tal como a cor dos olhos ou a textura do cabelo. Portanto, se não é atributo genético, **competência é produto da aprendizagem** e, dessa forma, pode ou não ser desenvolvida nas pessoas.

Assim, a competência é a **capacidade de mobilizarmos nossos "equipamentos" mentais para encontrar saídas quando estas parecem ausentes.** Portanto, "Competência" é a maneira como articulamos nossas habilidades para alcance de um objetivo para superar um desafio, vencer um obstáculo.

Se, por exemplo, descuidados, cairmos em um buraco na estrada, por exemplo, necessitamos buscar nas nossas memórias, emoção, linguagem interior, atenção e ação, os meios para sair do mesmo, a não ser que por comodidade resolvemos nesse buraco definitivamente nos estabelecer. Essas ações testam a(s) nossa(s) competência(s).

Portanto, em um sentido mais amplo, competência é saber tomar uma decisão e, sob certos aspectos, é também saber disputar ou competir – circunstância que não exclui o contribuir, cooperar, coexistir – pois daí vem sua raiz etimológica.

Percebe-se, pois, que uma escola com seus pés apoiados na realidade é toda aquela que usa os saberes escolares para induzir seus alunos a conquistarem competências e, dessa forma, tomar decisões, competir, cooperar. Enfim, transformar o saber em fazer.

E **"habilidades"**? Qual seu significado?

A ideia de habilidade não pode afastar-se do conceito de competência.

Se temos competência, como acima se aventou, para sair de buracos, isso não significa que possuímos habilidade. Uma infeliz personagem que, por exemplo, vive caindo em buracos, por exemplo, provavelmente sairia bem menos machucado e com maior presteza, com indiscutível eficiência e competência. Portanto, a palavra habilidade não deixa de ser uma espécie de "filha" específica da competência ou uma competência de ordem particular.

Voltando-se ao buraco, se para sair do mesmo necessito calcular o tamanho do pulo, o "cálculo" é sem dúvida uma habilidade, mas se aprendi apenas a calcular e não colocar em ação meus movimentos corporais – outra habilidade – lá fico eu preso aos meus cálculos e retido no bendito desconforto desse buraco. Assim e nessa situação, só espero que consiga dispor da habilidade de argumentar e, quem sabe, convencer um eventual caminhante a tirar-me de tão constrangedora condição.

Em sala de aula e face aos conteúdos expostos, a COMPETÊNCIA se manifesta pelo enfoque objetivo que se tem do que ensinar, porque ensinar e como ensinar, as HABILIDADES, por sua vez, são sintetizadas por verbos de ação que sugerem operações mentais que revelam habilidade e aptidão para desenvolver a competência proposta**.**

Assim, se quero e necessito fazer um passeio matinal pelo parque representa o "conteúdo" ou a essência do que devo querer fazer, a minha capacidade de cumprir essa meta usando meu cérebro e minha decisão estabelece minha competência, enquanto que as operações que usarei para dar corpo à competência e atingir meu enfoque representam as habilidades que a cada dia e com mais empenho será possível aprimorar.

7. A ESSENCIALIDADE DOS PROJETOS

Um projeto é, em verdade, um planejamento que tem como objetivo apresentar etapas e procedimentos que culminam com o alcance de um objetivo, de um ideal, de uma meta.

É de tal forma comum em nosso cotidiano elaborarmos projetos que, muitas vezes, não nos damos contas da importância desse planejamento prévio. Se, por exemplo, uma pessoa resolve na tarde de um domingo ir com amigos a um estádio de futebol, não efetiva essa ação sem, antecipadamente, elaborar um projeto. Com que roupa eu vou? Que horas devo sair de casa? Quanto devo levar em dinheiro para essa ação? E assim por diante.

A pessoa humana (mas não somente ela), desde os primórdios dessa condição, individualmente ou em grupo, jamais abdicou da organização de um projeto, ainda que muitas vezes não associasse essas ideias ao conceito de projeto. Dessa maneira, qualquer ato profissional, em qualquer tempo ou lugar, é sempre precedido de um projeto, ainda que muitas vezes mal damos conta da importância dessa organização.

Mas, é evidente, existem grandes projetos (na Medicina, Arquitetura, Pedagogia, Engenharia, Agricultura, Comércio e muito mais) que exigem estudos e reflexões que o antecedem, como existem pequeninos projetos que habitualmente desenvolvemos sem a consciência de que isso foi feito. Não se realiza uma cirurgia sem projetos, não se edifica uma casa sem o mesmo, não se planta uma semente sem se projetar o como e o porquê dessa ação.

Percebendo-se, assim, o amplo e diversificado sentido dessa palavra, importa destacar que não se educa pessoas para projetos, sem curiosamente um projeto para isso. Mais ainda, quem quer que educa não pode dispensar de sempre ter em mente um projeto em função do tema que se ensina. Por que é importante que saibamos somar, dividir, multiplicar? Por que importa saber que nosso país foi "descoberto"?

Dessa forma, cabe destacar que habilidades operatórias como comparar, analisar, sintetizar, projetar e muitas outras são essenciais no ensino e na aprendizagem, senão para dar sentido aos projetos que com a educação se busca.

Assim, para um verdadeiro educador ou uma verdadeira educadora, não pode existir o ensino de conteúdos sem projetos que o justifiquem. Dessa maneira, se pretendermos educar este ou aquele conteúdo conceitual, a razão que sustenta o "porquê" desse ensino nasce de um projeto, sempre imprescindível. Talvez, pela forma quase inconsciente com que elaboramos projetos, não raramente nos esquecemos de sua essencialidade, mas educar sem essa visão significa colocar-se ao mar sem destino, preparar refeição sem agregar produtos essenciais a essa pretensão. Percebe-se, dessa maneira, que trabalhar com projetos não representa opção, mas essência que dá valor e sentido a essa ação.

Quando a palavra "passos" se utilizou como pressuposto essencial deste trabalho, foi justamente para dizer que os textos deste pequeno livro querem simbolizar o alcance de um certo "saber fazer", tanto no que diz respeito ao protagonista que sempre somos e sua relação com os protagonistas que sempre nos cercam.

8. O ESTUDANTE COMO CENTRO

Todo estudante, independentemente de sua idade ou ambiente cultural, desenvolve sua *segurança* e sua *individualidade* na medida que três valores fundamentais são plenamente desenvolvidos: a *necessidade de ser amado e de amar*, a *curiosidade que o leva a perseguir a verdade e as respostas às suas dúvidas* e a *necessidade de ser plenamente reconhecido como uma pessoa única, provida de mérito e qualidade*.

Considerando essa condição, toda escola inclusiva jamais se vale da "padronização" e da criação de estereótipos que definem com preconceito uma igualdade de pessoas nesta ou naquela faixa etária, substituindo essa forma simplista de percepção e avaliação pelo progressivo fortalecimento do crescimento do aluno pela via de sua autorrealização, buscando formar pessoas completas. Ora, essa meta somente é plausível através de uma educação "centrada no aluno" e que se obriga a proporcionar ao mesmo uma variedade de opções, linguagens, competências e estratégias reconhecendo a natureza sistêmica – onde tudo faz parte de um todo e se integra de maneira harmoniosa – da experiência humana.

O que significa *natureza sistêmica da experiência humana?* Significa que não se pode aceitar um ensino compartimentalizado e uma visão de mundo com hierarquias claramente estabelecidas e fechadas. Dessa forma, toda educação necessita fortalecer e incentivar a autodescoberta, o autoconhecimento, a automotivação do aluno, ressaltando sua autoestima e potencializando sua imaginação, suas diferentes inteligências e linguagens e a simplicidade de sua produção individual e coletiva. Ao invés de um currículo preestabelecido e idêntico para todos de uma mesma série, *todo professor inclusivo busca proporcionar estratégias e orientações que levem o aluno a perguntar e, em seguida, a buscar respostas para questões que aprendeu propor, reconhecendo que a*

relevância da concepção do aluno sobre o que deseja saber será sempre a melhor medida motivadora de sua aprendizagem.

Em pouco tempo, os alunos descobrem que para as questões mais fundamentais da vida não existem respostas simplistas ou respostas que tenham igual validade para todos e percebem a oposição em uma concepção sistêmica da vida com uma concepção estruturada pela hierarquia e pela fragmentação.

É evidente que um sistema de ensino tradicional e conservador, portanto não inclusivo, é bem mais cômodo. Basta ao professor empregar-se na escola, passar pela Secretaria e obter a listagem de conteúdos que necessitará desenvolver com homogeneidade para todas as turmas. Um currículo inclusivo, ao contrário, jamais está pronto e nunca é o mesmo de uma para outra escola, por esse motivo será sempre construção da equipe docente a partir de criterioso levantamento de questões relevantes que os alunos gostariam de fazer, acrescidas de outras que a própria equipe docente propõe. As perguntas essenciais para se viver, certamente, são perguntas que estão na Geografia e na História, na Matemática e nas Ciências, na Educação Física e outra qualquer disciplina do currículo, mas para identificar se as questões levantadas pela equipe docente são efetivamente relevantes, torna-se essencial passá-las pelo crivo de quatro elementos essenciais:

1. Todo aluno é único e diferente e, portanto, abriga necessidades e formas diferentes de ver e de aprender. Uma eventual uniformidade nas questões discutidas não implica necessariamente uma idêntica interpretação e um idêntico uso dos saberes conquistado.

2. A diferença que cada aluno exibe inclui seu estado emocional, suas aptidões, seu ritmo e estilo de aprendizagem – que examinaremos adiante – seu sentimento de eficiência, o uso que deseja fazer do aprendido e ainda outros atributos de sua singularidade.

3. A aprendizagem jamais se manifesta do professor ao aluno como simples transferência de saberes, mas de forma construtiva que é produzida quando o que se ensina é significativo para o aluno e quando este participa ativamente do processo de construção de seus conhecimentos, relacionando-os aos conhecimentos anteriores e contextualizando-os a saberes de seu corpo, sua vida, seu entorno e suas emoções.

4. A aprendizagem é sempre mais pródiga quando se desenvolve em um ambiente onde prevaleçam relações interpessoais positivas, cômodas, alegres e em ordem.

Respeitando-se esses elementos, a educação verdadeiramente centrada no aluno, necessita organizar seu acompanhamento através de alguns critérios que devem permear sua avaliação. Por exemplo:

1. Os alunos sempre participam dos processos de decisões, tanto as que dizem respeito à sua aprendizagem como às normas disciplinares e à estrutura da aula. Os pontos de vista da equipe docente são sempre relevantes e significativos, mas precisam de respaldo dos pontos de vista dos alunos.

2. As diferenças individuais necessitam sempre ser respeitadas e isso inclui uma avaliação que se preocupa em aquilatar o *progresso* do aluno e não apenas seu resultado; *o espaço percorrido entre o que sabia e o que efetivamente aprendeu* e jamais o sucesso nesta ou naquela prova.

Com estes elementos, a escola inclusiva, que considera seu sistema de ensino centrado no aluno, representa uma integração de tudo quanto atualmente se conhece sobre aprendizagem e sobre quem aprende com os conhecimentos fundamentais sobre a natureza humana e a instabilidade do mundo onde se vive e onde se aprende a conviver.

9. VICTOR E A CONQUISTA DE UM NOVO OLHAR

Convidado para proferir uma palestra para professoras de uma Escola Municipal, na periferia da cidade de São Paulo, não imaginava que a Diretora resolvera prestar significativa homenagem ao palestrante e, para isso, designara uma criança para que desenhasse com capricho um cartão, e, ao final da fala, fizesse sua entrega, dizendo algumas belas palavras. Muito preocupada, entretanto, com o processo de inclusão, não escolheu qualquer criança. Solicitou que a homenagem fosse prestada por um menino, seu nome, Victor, portador de algumas características que o tornavam muito diferente de outras crianças de igual idade.

Minutos antes de a palestra terminar, Victor foi avisado e, de posse do seu belo desenho, sentou-se em uma das últimas carteiras, aguardando ansioso a hora de ser chamado. Quando o momento chegou, foi alertado e, com suas pernas tortas e seus pés pesados, exibindo orgulhoso sorriso, veio à frente em compreensiva lentidão. Ao chegar e olhar para as mais de duzentas professoras que o aguardavam, foi, literalmente, "atropelado" por suas emoções e, sem tirar os olhos cheios de ternura e encantamento da plateia, esticou o braço ao palestrante, dizendo apenas "toma". Isso feito, voltou lentamente e cheio de orgulho para seu lugar.

Nesse instante, então, pensei: – Deus do céu. Duzentas professoras nesta sala e todas são capazes de rapidamente perceber o que falta a esta criança. Nenhuma, por minuto algum, foi incapaz de perceber que, prisioneiro de sua fala, Victor jamais poderá ser um orador, um vendedor ou um professor. Por certo perceberam que a fragilidade de seus movimentos jamais faria de Victor um atleta ou bailarino, jogador de futebol ou campeão de natação. Mas, meu Deus, quando os professores desta escola apreenderão o que não falta em Victor?

Porque naquele momento, naquela criança saltava aos olhos, de forma lúcida e incontestável, que suas emoções se apresentavam inteiras, imaculadas, intactas. Se era verdade que

Victor jamais poderia jogar futebol como a um craque, jamais discursar como um orador, não era menos verdade que sabia compreender a alegria e podia, com inefável plenitude, devolver o amor intenso a quem amor lhe oferecesse.

Horas depois, já no automóvel que me levava para casa, o pensamento sobre a cena e suas questões continuavam a martelar minha mente. É essencial que o professor brasileiro conquiste a propriedade de um novo olhar. Não que seu olhar não seja bom, não que esse mesmo olhar tenha nos impedido de avançar, mas, se é educador, se tem em suas mãos a argila com a qual se modela o amanhã, é essencial que conquiste esse outro olhar abrangente e pleno e descubra nas crianças diferentes apenas o sentido de uma singela diferença. Compreenda que não ser igual a outros não implica e ser deficiente.

Por acaso não são as flores diferentes? É possível alguém afirmar com convicção que "flores certas" são as flores vermelhas, ignorando a beleza de outras cores? Não ser desta ou daquela cor da preferência usual significa por acaso ser deficiente? Reconfortei-me, mais tarde, pensando em Victor e na sua alegria imensa em sentir-se homenageado em homenagear um professor e refleti que talvez o lado mais sutil e menos compreendido, mas indiscutivelmente o mais importante na teoria de múltiplas inteligências, é descobrir que ninguém é absoluto em todas e que a luminosidade da emoção, por certo, um dia valerá tanto quanto o brilho na matemática.

10. UMA PROFESSORA, MUITAS LINGUAGENS

Faz muitos, muitos anos em um país distante do Brasil. Participando de uma jornada educativa recebi a missão de assistir aula de uma professora, cujo idioma eu ignorava completamente. Saber o idioma, nas circunstâncias daquele trabalho, era absolutamente irrelevante. Deveria concluir uma pesquisa sobre o uso da lousa e, dessa forma, cabia-me apenas anotar a forma como a referida professora o fazia. Preparava-a antes da aula para que assim, pronta, recepcionasse os alunos? Construía-a, progressivamente, à medida que explicava? Apresentava-a ao final da aula, mais ou menos como uma síntese do que fora visto? Havia sintonia entre como a utilizava e a maneira como os alunos preparavam seus cadernos? Enfim, pesquisava de que maneira esse recurso pedagógico tão comum em toda parte era efetivamente utilizado: se com requintes profissionais ou se constituía mero adereço – como, infelizmente, na maior parte das vezes acontece – que o professor preenchia ou não, aleatoriamente. Como se percebe, para pesquisa nesse sentido, entender ou não a língua falada pela professora constituía requisito irrelevante. Mas...

Mas, acontece que, por coincidência, viajava comigo um intérprete que se dispôs a traduzir-me o que a mestra dizia. Essa tradução não era necessária, mas seria injustificável deselegância recusá-la e, dessa forma, concordei. Sentamos no fundo da sala e o intérprete repetia-me baixinho as coisas que essa mestra dizia. Não disse assuntos comuns, não tratou de conteúdos banais. Proferiu mensagem com tal grandeza e dimensão que seria impossível esquecê-la. Seus alunos deveriam ter cerca de nove a dez anos e voltavam das férias de verão. Disse-lhes então:

– Queridos, vocês retornam das férias, devem ter tanta coisa a contar, que reservei o dia para ouvi-los. Não seria justo eu, que tantas vezes falo, falar em seu lugar em um dia assim

especial, com novidades muitas a relatar. Gostaria, pois, que se organizassem em grupos e combinassem de que forma contariam as férias vividas. O que desejarem falar com palavras, por favor, usem canetas e cartolinas e construam frases, títulos, mensagens, sentenças curtas que falem de todos e ao mesmo tempo falem de cada um; os que preferirem falar com desenhos, usem as cartolinas e os lápis de cor. Idealizem que desenhos fazer e de que forma poderão os mesmos expressarem em uma só folha, a síntese de lugares diferentes visitados. E prosseguindo...

– É possível que alguns outros prefiram a linguagem dos movimentos e, dessa forma, com mímicas, simulações e danças improvisem cenas que retratam lugares visitados e aventuras praticadas. Nesse caso não devem usar palavras, mas buscar com os gestos e seus movimentos a expressão da mensagem. Se outros assim o desejarem, uma maneira interessante de falar de suas férias poderá ser através de colagens. Deixei, de propósito, naquele armário, cola e tesoura, cartolina e revistas antigas para que pesquisem que imagens colar e através das mesmas relatar os lugares vistos e as peraltices provocadas. Pode ser que alguns outros prefiram a linguagem musical e, desta maneira, seria interessante ouvir algumas fitas que ali deixei e, com cuidado, substituir a letra usual da canção por uma outra que fale de experiências vividas...

Enquanto as crianças buscavam a linguagem preferida, descobrindo que é possível de formas diferentes coisas contar, enviou-lhes recado de paixão, que tempo algum apagará de minha lembrança. Concluiu com inefável doçura:

– Escolham a linguagem desejada. Sou sua mestra e porque amo todos vocês, sei ler seus recados, indiferente da forma...

Impossível esquecer essa mestra, sobretudo quando se tem professores que, exaltando o texto, fazem do mesmo uma forma única de comunicação.

11. A UNESCO E OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO E O MUNDO DO TRABALHO

Antes do fenômeno da globalização, cada país pensava e fazia acontecer a educação de seu jeito. Alguns países, e o Brasil foi um bom exemplo, prestavam atenção no que era feito lá fora e procuravam adaptar essa maneira de ensinar à sua realidade. Nossos currículos, por exemplo, copiavam o currículo francês e, mais tarde, importamos muitos procedimentos norte-americanos para nossa cultura educacional. Mas, ainda assim, havia como que uma cortina que isolava os países e representava um verdadeiro luxo se pensarmos em objetivos mundiais para uma educação de qualidade.

A globalização trouxe mudanças severas e, quase que de uma hora para outra, era importante pensar na livre circulação das ideias e dos produtos e que seria necessária alguma padronização educacional para que executivos de um país não se sentissem "peixes fora d'água" quando necessitassem interagir ou trabalhar em outros. Mas, à globalização se somou a popularização da Internet e o alcance de novos saberes que se tornavam disponíveis para todos. Quase que de uma hora para outra, se descobria que se informar era fácil, aprender atividade que requeria apenas um computador e alguns programas e que já não mais importava a quem vivesse isolado dos grandes centros a oportunidade de "estar plenamente por dentro" de tudo que no mundo acontecia. Essa necessidade de formação global, somada a essa verdadeira floresta de informações diversificadas, impunha a busca de uma educação mundial, de algum tipo de

padronização que pudesse dizer aos professores, independente dos lugares em que viviam "o que seria útil ensinar" e que mostrasse como era possível a escola sobreviver, já que fontes de informação pareciam dispensá-la.

Essa certeza produziu várias reflexões e muitos encontros e em um deles, na Tailândia, a UNESCO patrocinou uma Conferência Internacional sobre Educação e quando esta terminou foi possível elaborar um importante documento que expressava segundo seu próprio título a "Declaração Mundial sobre a Educação para Todos". Bem mais que simples conclusões, esse documento conclamava educadores de toda parte a dirigirem seu olhar para um mesmo ponto e, assim, educar para a globalização, ensinar mesmo com os recursos eletrônicos disponíveis e colocados ao alcance de qualquer um. Esse documento destacava a angústia dos educadores em face de banalização da informação e sobre a inevitável busca de padrões educacionais comuns e apresentava meios e procedimentos de se transmitir a todos, de maneira eficaz, novos saberes e com os mesmos assinalar referências de como deve ser uma escola que prepara o cidadão universal e que o ensina a construir saberes significativos. É desse documento e pensando nessa escola que este fascículo se propõe ensinar.

É importante, assim, realçar que as ideias aqui expostas não são pensamentos isolados de um educador e menos ainda singela aventura sobre o que gostaria que, em toda parte, todos fizessem. Em verdade, este trabalho busca mostrar o que e como fazer para que em nossas escolas e em nossas aulas estejamos revelando coerência e consistência com o que professores de outras terras em outros lugares façam também. Dentro de poucos anos, não importa se em escola pública ou escola particular, não importa se nas Filipinas ou no Brasil, a escola precisará pensar civismo não mais em termos nacionais, necessitará preparar o aluno para viver seu futuro, sem se preocupar com o lugar. É imperiosa a necessidade de mudança e através de breves exemplos os caminhos dessa mudança se mostrará.

É bom saber que nossa aula, sejam quais forem os conceitos e procedimentos propostos, se desenvolve em pleno consenso com aulas ministradas em outros lugares, é interessante descobrir que já não mais ensinamos nossos alunos para viver e produzir em nossas terras. A nova nacionalidade que estes caminhos sugerem excluem pátrias pessoais ou nações particulares. Os professores de agora são cidadãos mundiais, pensando em construir uma nova e planetária cidadania.

Não é complicado, mas é ousado, não é difícil, mas é imprescindível. Seja bem-vindo a essa pátria globalizada do futuro, seja bem-vindo na missão de formar pessoas para os novos tempos, fazer da escola novos templos.

Em 1990, na cidade de Jomtien, na Tailândia, realizou-se uma grande Conferência Nacional sobre Educação, patrocinada pela UNESCO. O objetivo dessa conferência era discutir os sentimentos de angústia dos educadores de todo mundo com o avanço nos processos de informação e a globalização dos conhecimentos e que tornavam urgentes algumas medidas de mudanças educacionais. O objetivo dessa Conferência, para mudar o rumo das escolas em toda Terra, seria descobrir referências que, além das informações, pudessem educar a pessoa humana em toda sua plenitude, para um mundo globalizado e a banalização das informações. Os resultados apareceram.

Foram definidos conceitos de fundamentos da educação e no relatório editado em 1999 e transformado em livro *"Educação: Um Tesouro a Descobrir"*, Jacques Delors, que coordenou a reunião, apresentou a proposta de uma educação direcionada para **quatro tipos fundamentais de aprendizagem** e que ficaram conhecidos como "Os quatro pilares da Educação": **Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser.** Abaixo, uma síntese dos fundamentos de cada um desses pilares e das intenções deste pequeno livro para que os mesmos se concretizem em

nossas salas de aula, das Séries Iniciais aos Cursos de Graduação, desde as nascentes do rio Ailã, onde começa o país, até a foz do Chuí, onde se limita com o Uruguai.

APRENDER A CONHECER

Essa aprendizagem se refere à aquisição dos "instrumentos do conhecimento", desenvolvendo nos alunos o raciocínio lógico, a capacidade de compreensão, o pensamento dedutivo e intuitivo e a memória. O importante é que não apenas se desperte nos estudantes esses instrumentos como anime seu desejo de desenvolver sua vontade de aprender e querer saber mais e melhor. Pretende-se assim despertar em cada aluno a sede do conhecimento, a capacidade de pesquisar cada vez melhor e a vontade de desenvolver dispositivos e competências intelectuais que lhes permitam construir suas próprias opiniões e seu pensamento crítico. Neste livro se multiplicará exemplos de aulas e atividades diversas que transmitem de forma significativa os conteúdos conceituais de cada disciplina e que fazem dos mesmos as "ferramentas" para que todo aluno aprenda a maneira como sua mente aprende.

APRENDER A FAZER

Saber fazer ou dominar competências não se separa de aprender a conhecer, mas confere ao aluno uma formação técnico-profissional em que aplicará na prática seus conhecimentos teóricos. É essencial que cada indivíduo saiba se comunicar através de diferentes linguagens, assim como interpretar e selecionar, na torrente de informações que recebe, quais são essenciais e quais podem ajudar a refazer opiniões e serem aplicadas na maneira de se viver e de redescobrir o tempo e o mundo. Neste livro se mostrará de maneira concreta e objetiva como o ensino de conteúdos pode se aliar ao estímulo, às competências e à prática de múltiplas habilidades operatórias.

APRENDER A VIVER COM OS OUTROS

Esse domínio da aprendizagem atua no campo das atitudes e dos valores e envolve uma consciência e ações contra o preconceito e as rivalidades diárias que se apresentam no desafio de viver. Aposta na educação como veículo da tolerância e da compreensão do outro, ferramentas essenciais para a construção da paz. O relatório não oferece receitas, mas se firma na proposta escorada por dois princípios: "a progressiva descoberta do outro" e a "participação em projetos comuns onde se buscará descobrir identidades entre pessoas e povos diferentes". Este livro apresentará práticas escolares que ajudam a ensinar valores e a fomentar a amizade, mostrando aos professores como atuar interdisciplinarmente na consecução desses objetivos.

APRENDER A SER

Esta aprendizagem depende das outras três, e dessa forma a educação deve propor como uma de suas finalidades essenciais o desenvolvimento total do indivíduo, espírito e corpo, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoa e espiritualidade. A educação de valores e atitudes não pode ser restrita a uma ou outra disciplina em algum momento do planejamento docente, mas um pensamento constante de se formar alunos autônomos e capazes de estabelecer relações interpessoais, de se comunicarem plenamente e de intervirem de forma consciente e proativa na sociedade. Este livro destacará experiências exitosas de trabalhos escolares que, voltados ao autoconhecimento e à autoestima do aluno, encaminhou-o para ao melhor se descobrir, descobrir a empatia e fortalecer a aspiração de ser mais.

12. AS CASINHAS DE LETÍCIA

Letícia é uma professora de conteúdo. Sabe que prepara seus alunos para desafios onde o saber assimilado é essencial, tem consciência que ensinar competências é mais importante para a existência do aluno que preenchê-lo de informações, mas sabe também que a educação que sonha e idealiza não é necessariamente aquela para qual foi contratada para desenvolver na Escola. Assim, sonha com competências, mas preocupa-se com conteúdo.

A matéria que ensina, por isso mesmo, é explicada com clareza e suas ideias não chegam a seus alunos sem se estruturarem em competente ordem e sem se envolverem com lógica, clareza e lucidez. Sabe que o que compreende não é essencialmente o que podem compreender quem a ouve, por isso sua fala busca chegar a eles cheia de exemplos, plenas de contextualizações, associando-as às novelas que assistem, aos esportes que praticam, os lazeres que sofregamente almejam. Letícia percebe que sem significação não existe aprendizagem e assim as promove, fazendo seus alunos debaterem com os colegas a reinvenção de suas falas, a experimentação prática dos fatos que acolhem. Sente-se plenamente satisfeita com a primeira etapa de um processo de aprendizagem – a assimilação – e, quando percebe que seu objetivo foi alcançado, parte para a segunda e decisiva etapa que é a fixação. Letícia precisa ajudar seus alunos a guardarem com lucidez tudo quanto demonstraram compreender. É chegado o instante em que necessita ajudar a memória de longa duração de seus pupilos a armazenar com prazer os conteúdos apreendidos. É então a hora de suas casinhas.

A primeira vez que as usou, surpreendeu os alunos. Lá pelos últimos dez minutos de aula, parou o que fazia e com esmero desenhou na lousa uma linda casinha. Enquanto seus alunos acompanhavam atentos àquilo que parecia ser uma fuga de Letícia pelo devaneio, mostrou que os fatos que tinham sido apreendidos deveriam ser guardados na casinha e interrogou-os sobre onde colocaria as "causas". No alicerce ou no telhado? Onde deveria dispor as "consequências? Em qual parede destacava este evento, em qual aposento colocava outro? Minutos depois uma admirável síntese da aula estava exposta, organizada na lousa na estrutura simbólica de uma casinha. Sugeriu aos alunos que em seus cadernos desenhasse a sua, associando a uma casa qualquer que estive presente em sua memória. Poderia ser sua residência, casa de praia de um amigo, apartamento de um tio. O importante era buscar uma casa e na mesma distribuir as ideias geradoras e centrais do texto discutido. Explicou então que toda memória guarda inúmeros símbolos e que, quando aos mesmos associamos ideias, é mais fácil evocá-las ao se lembrar desse mesmo símbolo guardado, ali presente na estrutura cerebral".

Em outras oportunidades, ao invés da casinha usou uma árvore, uma rua, o corpo humano, um animal de estimação. O símbolo espacial escolhido era irrelevante, desde que claramente presente na estrutura mnemônica e, dessa forma, pronto para ser evocado quando a necessidade se fizesse surgir. Os cadernos dos alunos de Letícia não apresentavam pensamentos em caos esparramados e soltos pelas linhas, mas ideias

lógicas estruturadas na significação de um ícone. Quando em uma avaliação, queria ajudá-los, as "dicas" que dava era a casinha ou outro ícone que evocava e, pronto, ao trazê-la à luz, os alunos a traziam plenas de fatos, ricas em consequência, envolvidas em contextualizações.

Letícia não é apenas uma professora de conteúdos conceituais. Letícia é uma princesa na arte de estimular memórias.

CELSO ANTUNES

Educador, formado em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Ciências Humanas e Especialista em Inteligência e Cognição.

Professor? Presente!

- O educador e SEU projeto de vida -

Cheguei ontem de uma cansativa viagem para diversos estados brasileiros. É uma rotina avassaladora. Avião, carro, reuniões, palestras lotadas, sessões de fotos. Ao terminar tudo isso num dia, ainda tem o fato de dormir numa estranha cama de hotel e logo na manhã seguinte mais avião, mais carro, mais reuniões, mais uma palestra, outra cama estranha para dormir. Ao chegar em casa me prometi que iria dormir até tarde para repor as energias, para me sentir novo de novo no dia seguinte.
Cedinho de manhã, eis que entram no meio do meu sono leves sons de pingos de chuva nos rufos que acabei de instalar na minha casa, após quase um ano de reformas. Sabe aquela sensação de estar entre o sonho e a realidade, quando não sabemos se estamos sonhando mesmo ou se estamos acordados? Foi exatamente isso que senti, uma mistura de consciências. Uma parte de mim ainda queria dormir e a outra escutava os pingos com certa curiosidade até. Eles não estavam me incomodando, ao contrário, me deixavam calmo.

Como era cedo e os passarinhos ainda cantavam lá fora, tentei lutar para dormir mais um pouco. Até que uma ideia saltou para dentro da minha cabeça e de lá não mais saiu: **Professor? Presente!** Fiquei pensando nisso, no quanto estamos presentes em nossa vida pessoal, o quanto dedicamo-nos a cuidar de nosso projeto de vida no dia a dia. Questões como estas me inquietam muito. Mas, como era pouco mais de 6 da manhã de sábado, fiquei lutando para dormir de novo enquanto minha mente me pedia para escrever, para levantar da cama e deixar acontecer o gostoso fluir de ideias que todo escritor sonha sentir.

Por que lutar contra meu desejo? Em nome de quê dormir mais se já me sinto tão acordado? O que deve determinar o quanto de sono EU preciso? Ao pensar nisso tudo tornou-se inevitável não voltar a pegar no sono. Me rendi. Peguei um copo quentinho de leite com mel e me sentei diante do teclado, rendido às ideias que vinham me visitar sem terem me pedido para entrar.

Fiquei então pensando no monte de imperativos que tentam hoje fatiar nossa vida em troca de sermos mais felizes, mais fortes, mais capazes, mais produtivos, mais charmosos, de sermos mais bem sucedidos e melhores do que somos. Isso é o que nos tira, muitas vezes, do eixo. Com tantas regrinhas e axiomas, nos perdemos de nossa sensibilidade interior.

Há hoje em dia uma infinidade de dicas para quase tudo na vida. Basta uma *Googlada* ou um papo desavisado no corredor da escola e acabamos muito facilmente absorvendo regrinhas prontas de como devemos nos alimentar, do

esporte certo para perder peso, do livro que não podemos deixar de ler, do curso que temos que fazer ainda neste ano.

Se olharmos em volta estamos o tempo todo sendo bombardeados com ideias que nos prometem atalhos para tudo. Se usarmos a técnica X seremos mais inteligentes e nosso cérebro terá mais longevidade. *Não deixe de assistir ao filme que acabou de sair, vai mudar a sua vida. Você ainda não tem este APP? Como assim? Você precisa baixar agora!* Deste modo, hoje em dia parece que estamos sempre devendo ou perdendo alguma coisa.

Some-se a isto o fato de que em praticamente todos os grandes meios de comunicação estamos também sendo constantemente bombardeados por narrativas que nos incitam ao caos, remetendo-nos a uma sensação de estresse pré-traumático, em função da qual chegamos até a ter medo de sair de casa, ao sermos bombardeados sobre as mais diversas crises, problemas, violências e faltas. É fácil perceber que nossa vida tem se tornado cada dia mais complexa, desafiadora, competitiva, exigente, conectada. Uma vida, como diria o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, cada dia mais líquida. Com verdades, instituições, referências e parâmetros sendo redesenhados a todo tempo, nos sentimos facilmente deslocados de nosso eixo interno, buscando fora de nós as respostas que nos permitiriam algum senso de estabilidade diante de uma realidade sempre em mudança. E se ela nos assusta, se nos sentimos cansados diante de tanta tecnologia e tantas mensagens nos e-mails e whatsapps, diante de tantos apelos dos muitos grupos a que pertencemos, é bom fazermos algo a respeito, pois a vida não tende a se desacelerar. Muito ao contrário.

Em 1965, Gordon Moore[1], um dos fundadores da Intel, que produz boa parte dos chips de computadores vendidos no mundo, já apregoara que a capacidade de processamento de dados iria dobrar a cada ano. Não só sua profecia se realizou, como atualmente se sabe que ela dobra a cada 18 meses. Isso significa que a velocidade de processamento das informações que usamos no dia a dia tende a crescer de forma exponencial, em progressão geométrica.

Pense no disquete que até pouco tempo atrás ainda usávamos. Hoje é tudo guardado na nuvem. Lembra-se das listas telefônicas? Basta usar um bom buscador que achamos tudo e todos. E os CDs de música que tanto apreciamos comprar? Hoje, basta usarmos um aplicativo para ouvirmos uma infinidade de músicas. Lembra que há poucos anos ainda nos localizavamos pelas cidades e

[1] SUSSKIND, Daniel; SUSSKIND, Richard. **The future of professions**. Canadá, OUP OXFORD, 2016.

estradas por meio de um guia impresso? Hoje, basta usar o Maps ou o Waze e tudo se resolve.

Diante de tudo isso nossos sentimentos são paradoxais. Sentimo-nos atônitos, encantados, animados, assustados e cansados. Tudo isso junto e misturado.

Hoje em dia estima-se que o país tenha 306 milhões de dispositivos portáteis, como smartphones, notebooks e tablets em uso[2]. Isso explica sua quase onipresença na nossa vida, nos cinemas, nas refeições familiares, nos estádios de futebol, nas salas de aula, nas mãos dos caminhoneiros, motoboys, ciclistas e demais motoristas que os usam, mesmo dirigindo. Cerca de 80% dos motoristas da atualidade dirige falando ou usando o celular[3].

Tudo isso dito, é fácil perceber que vivemos uma roda-viva acelerada e muito perigosa, que nos deixa perplexos e desconectados de nós mesmos, de nosso mundo interior. Dos apelos comerciais aos encantos e desencantos que nos chegam pelas mais de 5 horas de telas[4] a que estamos expostos diariamente, sofremos todo o risco de nos tornarmos deslocados de nós mesmos, invisíveis a nós, insensíveis a nosso próprio eu, numa grande terceirização das nossas vidas.

Para se ter uma ideia, ainda que hajam dados divergentes sobre o assunto, um levantamento recente apontou que o brasileiro gasta, por dia, cerca de 9 horas conectado, contando as mais de 5 horas no computador ou em um tablet e mais quase 4 horas no celular[5].

Cada dia mais e mais pessoas terceirizam sua vida para um sistema computacional ou para um dos grandes veículos de comunicação a fim de pautar seus sentimentos, suas escolhas, sua identidade até. Perceba como se sente quando posta algo e ninguém curte, compartilha ou comenta. Chega a dar uma sensação avassaladora de vazio para muita gente. Diante de tanta conexão com o mundo exterior, não é rara a sensação de invisibilidade quando nossos posts não são celebrados.

---

2 https://link.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-ja-tem-mais-de-um-smartphone-ativo-por-habitante-diz-estudo-da-fgv,70002275238.

3 http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2016/01/80-dos-motoristas-dirigem-e-usam-celular-ao-mesmo-tempo-diz-pesquisa.html

4 https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/estudo-revela-que-brasileiro-passa-mais-de-nove-horas-por-dia-na-internet-23012015

5 https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/estudo-revela-que-brasileiro-passa-mais-de-nove-horas-por-dia-na-internet-23012015

Assim, pouco a pouco foi sendo escrita uma ordem de vida na qual cada vez menos se percebe o gosto do prato, pois o que mais importa é postar no Insta a foto para os outros curtirem. Da mesma forma, é comum ver hoje em dia pessoas andando nas calçadas com os olhos no celular. Cada vez menos se escuta a própria fome, pois há sempre uma dieta da vez a ser seguida. Cada vez menos se escuta o sono, pois quem sabe naquela última olhada no celular antes de dormir poderemos descobrir algo que não podemos perder.

Segundo Nicholas Carr, autor do livro *A geração superficial: o que a internet está fazendo com o nosso cérebro*[6], estamos nos tornando pessoas-panqueca, que sabem quase nada sobre quase tudo, com uma mente largamente estimulada, mas rasa demais.

Já Yuval Noah Harari, autor do livro *21 Lições para o Século 21*[7], aponta que o grande perigo deste nosso tempo é a sensação de inutilidade, de sermos dispensáveis diante das novas tecnologias que vêm, pouco a pouco, terceirizando nossas sensações, escolhas e decisões cotidianas. Temos confiado cada vez mais no Google para decidir que música iremos ouvir, na Netflix para decidir a próxima série e na Internet para saber do que devemos saber. Confiamos cada vez menos no que estamos realmente sentindo.

Com a nossa humanidade deslocada ao exterior, pouca chance teremos de saber o que nos torna felizes, o que nos encanta, o que nos estimula, o que nos inspira. Sem isso, nos desumanizamos e entristecemos. Morremos por dentro, ainda que diante de uma vida acelerada, que não leva a lugar algum.

Carl Gustav Jung, psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica, disse: “Quem olha fora sonha, quem olha dentro desperta”. Isso nos lembra que se queremos que nossos alunos se importem com o que temos a lhes ensinar, se queremos nos sentir dignos de valor e se almejamos uma vida feliz é preciso ter a coragem e a disponibilidade de resgatar a nossa autonomia existencial, sair da terceirização tão comum de hoje e assumir o leme de nossa existência, negando cair no que o filósofo Étienne de La Boétie chamara de servidão voluntária, em que relegamos ao “outro” nossa liberdade, nossa identidade.

Só quem enfrenta o desafio de estar à frente do outro, seja dando uma aula, um treinamento ou uma palestra, sabe da energia que despendemos nesta atividade tão mágica quanto estressante que é a arte e a ciência de ensinar.

---

[6] CARR, Nicholas. **A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros**. Rio de Janeiro: Agir, 2011

[7] HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

Muitas vezes nos sentimos absolutamente cansados, quando não nos sentimos vistos, reconhecidos, quando nossos alunos, as famílias, ou a coordenação não percebe o valor do que fazemos. Muitas vezes bastaria um “Obrigado”, “Me ajuda”, “Que interessante isso”, para mudar nosso dia. Sim, pois vivemos por estas frases mágicas, não por uma simples vaidade, mas porque elas revelam que neste momento estamos sendo vistos, notados, que temos valor diante do outro, que estamos fazendo alguma diferença.

É esta a ideia por trás de **Professor? Presente!**. Se praticarmos mais a presença em nossa própria vida, se pegarmos nas mãos o nosso projeto de vida, teremos uma chance de viver uma vida para além dos manuais superficiais de qualidade de vida que muitas vezes não nos servem. Temos a oportunidade de ganhar o que em psicologia se chama de vida qualificada. Uma forma de existir que se situa num bom ponto entre o perfeccionismo, que de nada nos serve além de esmagar nosso cotidiano com imperativos exaustivos, e os automatismos habituais, que também nos roubam o brilho nos olhos e a paz de espírito.

Se queremos uma vida com qualidade, é preciso, sobretudo, cuidar da qualidade daquilo que há de mais simples: nossa energia. Se prestarmos mais atenção ao modo com que nos alimentamos e passarmos a escolher mais aquilo que verdadeiramente nos serve, aos alimentos que nos deixam leves e satisfeitos e não pesados após ingeri-los, já teremos dado bons passos neste sentido. Dicas e blogs podem ajudar, mas de nada adiantarão se uma pessoa continuar comendo olhando ao telefone ou vendo televisão. Ela será incapaz de escutar sua fome, e muito menos perceber a maravilha que é ter o que comer.

Quantos cafés você pode tomar por dia? Isso, só o seu corpo pode dizer. Há quem desenvolva gastrite com 3 xícaras, enquanto outros podem ingerir mais de 8 sem problema. Ao escutar como nos sentimos depois de beber cada gole poderemos entender isso melhor.

Que tipo de exercício precisamos? Certamente não é o que está na última moda nas academias e sim aquela espécie de movimento que nos deixa bem depois. Hoje em dia há algum consenso científico sobre a necessidade de movimento para nossa saúde e vitalidade. Mas isso pode significar subir para seu apartamento de escada, caminhadas, HIIT, artes marciais ou Tai Chi. O que importa é se mexer ao menos 2 a 3 horas por semana, seja da forma que for. Se desprezamos nossos corpos, como querer ter uma mente sadia?

Falando em desprezo, o que dizer das horas preciosas de sono perdidos por tantos ao navegarem no mar do nada, fuxicando a vida de sabe-se lá quem, nas madrugadas em que o corpo pede descanso? Mais do que remédios para dormir, ou estimulantes para acordar, talvez precisemos tomar vergonha na cara. Sim, isso mesmo. É preciso retomar o senso de vergonha diante de uma vida ausente, de um olhar distante e de uma carreira esvaziada. Vergonha é uma importante aliada de uma vida boa, pois ela nos lembra que nossa lição de casa existencial não está sendo bem feita. Com ela, podemos reequilibrarmo-nos com inteligência.

António Damásio, um dos mais importantes neurocientistas da atualidade, demonstra na obra *E o cérebro criou o Homem*[8] que a distinção corpo-cérebro é, na verdade, apenas didática. Só conseguimos entender o que sentimos porque o cérebro organiza nossas percepções e sensações corporais, movendo nosso corpo no sentido de atender àquilo que estamos sentindo. Igualmente, nosso corpo só consegue manter sua homeostase por causa do cérebro, que orquestra todas as nossas funções vitais.

Entendendo isso podemos parar com uma parte significativa de nosso autoengano, que nos diz que não temos tempo para nos cuidarmos, que não cabe no nosso dia a dia estudarmos mais, que não dá para retomar aquelas importantes leituras que fazemos com afinco no começo da vida profissional. Pois lembramos que, em saúde e em educação, o que dá trabalho fazer vai dar mais trabalho se não for feito.

Parar de nos enganarmos com uma vida vazia é um passo importante para nos preenchermos de quem e do quê realmente nos gratifica, nos desafia, nos estimula. Isso é a vida qualificada. A vida com autoria. Com humanidade.

Por fim, podemos também lembrar que a natureza nos presenteou com uma substância mágica disparada pelo nosso cérebro quando aprendemos alguma coisa: dopamina. Nossa mente libera este neurotransmissor da felicidade quando aprendemos algo novo. E o mais interessante é que a simples expectativa de que iremos aprender alguma coisa relevante já é capaz de liberá-la. Esta é uma boa forma de driblar a preguicite, a servidão voluntária a que nos referimos acima. Pensar em nossos desafios profissionais não como um problema, mas como desafios que depois de vencidos nos tornarão melhores, mais realizados e mais felizes.

Carol Dweck, na obra *Mindset*[9], vai além e nos ensina que uma palavrinha mágica chamada “Ainda” é um dos fatores mais determinantes de nosso sucesso na vida.

[8] DAMÁSIO, António, R. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009
[9] DWECK, Carol. **Mindset – a nova psicologia do sucesso**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017

Ainda não consegui prender a atenção desta turma, mas deve ter um jeito, vou pesquisar. Ainda não sei direito como me organizar melhor, mas quero aprender. Ainda não descobri como envolver os pais dos meus alunos para que se comprometam mais com o aprendizado deles, mas deve ter alguém que já conseguiu isso, então vou pesquisar. Com um mindset de crescimento, com uma postura de vida na qual somos seres em desenvolvimento, podemos abandonar tanto o medo de errar como a prepotência e abrir espaço para a mais relevante das forças humanas: a humildade. Com elas aprendemos um pouco mais a cada dia e vencemos o medo do “Será?”, pela atitude do “Serei!”.

Desprezar nossos sentimentos e necessidades corporais tem um alto custo para nossa vitalidade. Por isso, meu convite com este texto sugere algo muito simples: Professor? Presente!

Quando nascemos diz-se que nossa mãe deu à luz. Ao observar uma criança podemos facilmente perceber que chegamos ao mundo cheios de energia, curiosidade e vontade de aprender. A partir de nossas escolhas, de nossos hábitos e de nosso autoconhecimento, podemos chegar à vida adulta e desenvolvermos um impactante trabalho, aquele que é feito com brilho nos olhos. E você, como tem cuidado do seu brilho interior?

Leo Fraiman é Psicoterapeuta, Escritor e Palestrante. Autor da Metodologia OPEE, adotada atualmente por mais de 800 escolas em todo o Brasil. É Autor do livro "Como Ensinar Bem", além de outros títulos publicados nas áreas de Orientação Profissional, Familiar e de Educação.

“Renovar-se a cada dia!
Um exercício de encontro constante entre o que sabemos e o que ainda não sabemos.”

Ricardo Spindola Mariz

Os temas da renovação, da mudança ou da inovação são constantes no espaço escolar. Não tenho lembranças de iniciar um ano letivo sem escutar, de uma forma ou de outra, algo sobre essa temática. Talvez porque mudamos pouco e falamos muito daquilo que nos falta ou talvez porque a mudança é o movimento constante para quem deseja educar, ou seja, continuar aprendendo é uma condição para quem deseja ensinar.

Continuar aprendendo sempre, em constante renovação, não é um exercício que se faz ignorando tudo o que já sabemos. Renovar-se não é abandonar o que já é velho, mas confrontar o passado, a experiência (o aprendido), com os novos problemas, desafios e possibilidades. Renovar-se é marcar um encontro entre o que sei, o que penso que sei e o que não sei.

O nosso desafio maior atualmente está em construir espaços para esse encontro, ou seja, espaços sistemáticos de reflexão e reconstrução da prática docente. Parece-me que somente através de uma ação autoral, carregado de significado e presença, é que responderemos aos desafios do nosso tempo.

Vivemos um tempo de turbulência. Na verdade, somos chamados e chamadas a educar na turbulência. Em um voo, a turbulência é consequência da mudança na pressão do ar que acaba alterando a sustentação do avião. Essa mudança pode acontecer, por exemplo, por questões meteorológicas, por questões do ambiente físico, como, por exemplo, passar próximo a uma região montanhosa, ou ainda por condições criadas por um outro avião que passou por perto da trajetória do voo.

Reconhecer a origem das mudanças é fundamental, mas no campo da Educação essas causas não costumam aparecer de forma evidente no radar do painel de controle. Mesmo assim, enquanto aprendemos também sobre as causas, cabe de imediato retirar o nosso voo do piloto automático, apertar os cintos, adequar a rota do voo e a sua velocidade.

O piloto automático, momento que as coisas parecem caminhar por si mesmas, deveria ser uma condição muito rara na Educação, porém o que percebemos é que confundimos a experiência docente com a carreira docente. Costumamos dizer que temos vários anos de experiência, quando na verdade, temos esses anos de carreira docente e, somente em parte deles, fizemos experiência. No piloto automático não aprendemos e, em trechos de turbulência, não fazemos as mudanças e tomamos os cuidados necessários.

Parece-me prudente, também, adequar a velocidade do nosso voo. Não significa desligar os motores, mas, talvez, reduzir a velocidade até o momento em que a visibilidade se amplie. Como já nos alertava Paulinho da Viola, numa alegoria sobre o mar e a navegação: “faça como o velho marinheiro, que durante o nevoeiro, leva o barco devagar”. Mudanças efetivas na Educação são feitas com cadência, com continuidade e profundidade.

Identificar as causas da turbulência, adequar nossa velocidade e trajeto e, especialmente, retirar o voo do piloto automático, são medidas fundamentais para esse início de ano. Durante a **Jornada Pedagógica da FTD Educação e Atualização Docente 2019**, vamos conversar um pouco mais sobre essa turbulência e as oportunidades que se apresentam para conduzirmos um voo mais sereno.

Acertar o voo da Educação é fundamental. Diferente de outros voos, esse nos leva a um futuro mais promissor, o destino não é predeterminado, mas depende da nossa serenidade e ousadia. A serenidade de reconhecer o nosso tempo e a ousadia de continuar aprendendo.

Um bom voo para todos e todas.